Título: **AMOR COMO SINTOMA**
Autora: Constança Carneiro de Brito Guedes

O HOMEM ESTÁTUA
I.
Onde se traduz o silêncio
E a vasta mata aparece
Pelas ruas cinzentas
Vazias e conduzidas

Assassino cimentado
Aquele que prevalece no tempo
Com a mão de todos
E a palavra de nenhum

O sino canta e o homem cala-se
É a sina que traçamos
Enquanto seres fatais e evidentes
Nesta vida que é um fado mal cantado

Cansado e eloquente
O jardim que é sagrado
Para os que esperam
Pelo afeto de uma brisa

Reconforto de uma máquina
De uma esfera onde te escondes
Só sais para respirar
E para ser, uma vez mais.
DESMEMBRAMENTO OCULTO
II.
Fachadas lavadas por sangue
Racha interna que passa e grita no escuro
É só escuro, e respira. Tem vida
Como um velho que só mastiga

Espontaneidade maligna
Falece pendurada num cabide
Dentro de um armário, sem roupas
Só memórias coletivas

Aniquilação da armadura do fantasma
Deve ser fantasma? Ou perpétua
Constância do silêncio que pouco fala
Quando não é pensado dorme debaixo da almofada

Acorda, adormece, finge.
Tinge a tela que não existe
Quebra, dá início à pressa e resiste
Teatro sem atores onde ninguém dança a teu lado

O negro é o reflexo duma alma
Dinâmica estúpida e cansada
Apareço em novembro afirmada
A voz já não fala...

O EU APAZIGUADOR
III.
Perseguida pela melancolia
Evidente e desnecessária
Consome o meu ser
E subtrai o meu prazer

Deixei que a escuridão que acolho
Fosse luz numa janela
Natural e artificial
Como é a vida e nós

Tento ser exata
Tento ser inteira
Mas perco-me em abstrações emocionais
Que pouco me convencem

Não estou convencida de nada
Nem da exatidão do calendário
Rasgo páginas e rasgo laços
Na esperança de um milagre

Sou kantista e não cantada
Uma merdas que não fala
Mas reflete-se nas relações
Das quais se perde o fio à meada

Rastos de contradições didáticas
Que apaziguam a ironia
Habituada à vivência
Que no pensamento não perdura

A ânsia de viver é constante na pele
Como uma metamorfose que não chega a ser
Um embrião que não chega a nascer

E uma relação que acaba por morrer

Saiam, fujam de mim
sou apenas uma árvore velha
Mas sem o encanto da experiência
Apenas no entanto vejo um sustento.

OUVINTE EM DESESPERO
IV.
Aquele sentimento bruto de divisão
De egoísmo, de questão
Centralismo redundante, invisível
Absorvente do transparente, da derme

Segredos fechados numa caixa
Caixa metafórica de camadas
1,2,3 e chegamos ao quarto andar
Grito no silêncio do pó, ouves-me?

Sujidade cerebral presente no sangue
Analisem-me e comprovem-me
Que sou pouco além do passado,
Do amanhecer de ontem

Esperança envolvida num candeeiro de jardim
Onde o sol é a única fonte de alimento
E a relva, o cheiro a relva
Fresca e amedrontada das chuvas, das secas

Completamente sozinha, danço às escuras
Esperando por uma sensação parecida com o teu toque
Talvez no vento do movimento te encontre
E no espelho imagine como foste.

ENCOSTA-TE (EM TI)
V.
Queria-te mais perto,
a respirar os meus pensamentos
os meus medos
As minhas conexões menos lógicas.

Que sim, que fosse.
Que te sentisses azul
Mas com o cheiro a verde
A sangue.

Que te perdesses em mim
A explorar as menores das minhas virtudes
Tão abstratas são
Como eu, como nós.

Chuva do meu verão
Luz artificial do meu quarto
Vento no meu ouvido
Lâmpada do meu pensamento.

Que me vejas pelo que eu não sou
Pelo que queres, pelo que procuras
Por onde vês o início
Mas procuras um fim.

Neste prazer artificial
encontrar a dor, a aragem que trazes
E levas contigo
Com o lanço que só tu possuis.

Somos breves ponteiros
Num relógio barato
E que assim seja
Não anseio por mais.

Que faças barulho no silêncio
E silêncio no barulho
Para que te escute
Para que te sinta.

Que nunca tenhas que te explorar
Para além do necessário, do exagero
Que sejas puro e apenas
Mas à tua intenção.

Que sejas tristeza,
A maior das minhas ruínas.
Que me destruas e me partas
Mas que sejas.

Que me leves ao mais eterno dos céus
Mas que me deixes cair no mais poético chão
Que seja macio e molhado
Que seja real e não só uma passagem

Que não sejas mais uma ilusão

Atraído por este mundo falso de comunicação
Pelo mais plástico
Por um pedaço de têxtil que disso não passa

Que te deixes levar pelo fogo
Não pelo plástico da qual ele sai
Que o vejas a queimar
E entendas a beleza da sua essência.

RESTOS COM RASTO
VI.
O que somos senão fruto da solidão
Caricaturas sem expressão
Moldes abstratos de factos verídicos
Sumo de enjoo contemporâneo

As pernas perdem força
Tornamos-nos chuva que não molha
Em algo novo que continua velho
E esfregamos o espelho, mas o reflexo não muda

Rostos fartos e estranhos
Tornam-se num aglomerado de nós
Simulação constante envenenada
Conspirações iluminadas pela palavra

Volta, sai, volta, nunca mais.
Atira-te à liberdade em demasia
O perigo das vaidades psicológicas
Engana-te.

FATAIS E SERVIÇAIS
VII.
Serves-me de algo
vago e intenso
que não traduzes de nenhuma maneira
Nem para palavras, nem para nada

Não sei se é a tua essência
Ou a tua falta dela, por mim
Talvez ainda não a vejas
Ou não a queiras ver

Deambulo no meu pensamento
dando sempre de caras contigo

Não quero,
Mas não evito

Vejo-te em todo o lado
Como uma merda de uma sombra
Quero fugir-te
Mas que venhas por mim

A estrada que sigo
é ruidosa de pensar
Mas calma como a tua voz
despojada de acréscimos.

MALIGNO
XIII.
Encontro-te, mas não te vejo
Sinto-te, mas não tanto assim
Estamos separados por quilómetros
Mas não pelo tempo.

Há uma distância, quase que supérflua
Que não tem que ser real,
Porque o real, é incomum.

Mas incomum, é o que sinto
Apesar de ser o mais comum dos sentimentos
Transforma-se numa nébula de confusão,
Da qual não consigo resgatar a minha pessoa.

Não sei no que pensar,
Quando penso.
Sou levada para lugares obscuros
Mas vejo-te lá.

E fazes sempre com que o obscuro
Seja o mais radiante dos lugares.
E por isso te estimo,
E não te deixo ir.

O AUTORRETRATO COMO SINTOMA
IX.
Constância na inconstância de me perder
De o querer e o temer
De voltar e de ser
Sem ser o que espero ser

Corto-me com folhas de papel
Para que sinta alguma inocência no ato
Descritivismo artificial de quem vive no alto
E vem cá baixo dizer olá

Deixo de me viver para que viva
Ao alcance de uma sociedade que vira
Resiste e constrói-se à minha volta
Tudo o que dá tira, e vira

Vamos ser estrangeiros no nosso próprio ambiente caseiro
Não ladres, estou só a proteger-me
A rever-me no que pensei não ser
E a ver-me no que não penso ser

Cada bafo é um alívio, uma história por recomeçar
Uma sensação tátil de calma
Inexplicavelmente ligada ao céu
Num apogeu de proximidade relativa

Se se me ouvires aí notifica-me
Relembra-me do que gostavas de ser
Antes de te ires embora sabe que,
Tenho saudades tuas, Constança.